

EDIÇÃO  
Nº1 | 2025



O QUE ME FAZ  
CIENTISTA?  
O MEU QUERER.



JANE GOODALL



RITA LOBATO VELHO  
LOPES:  
CORAGEM À FRENTES  
DO SEU TEMPO



ROEORES,  
PESTE E  
ALZIRA ALMEIDA

# **DESBARATANDO A BIOLOGIA**

## **VOL. 6 | Nº1 | 2025**

### **FICHA CATALOGRÁFICA**

*Desbaratando a Biologia*

*Publicação quadrimensal de Divulgação Científica*

ISSN 2675-0325

Idealizadores: Jânio C. Moreira, Fábio H. Dyszy

Editor-chefe: Jânio C. Moreira

Editor da edição: Mirelly Correa

Contato: desbaratandoabiologia@gmail.com

*O que me faz cientista? O meu querer* | PÁG02

*Jane Goodall* | PÁG04

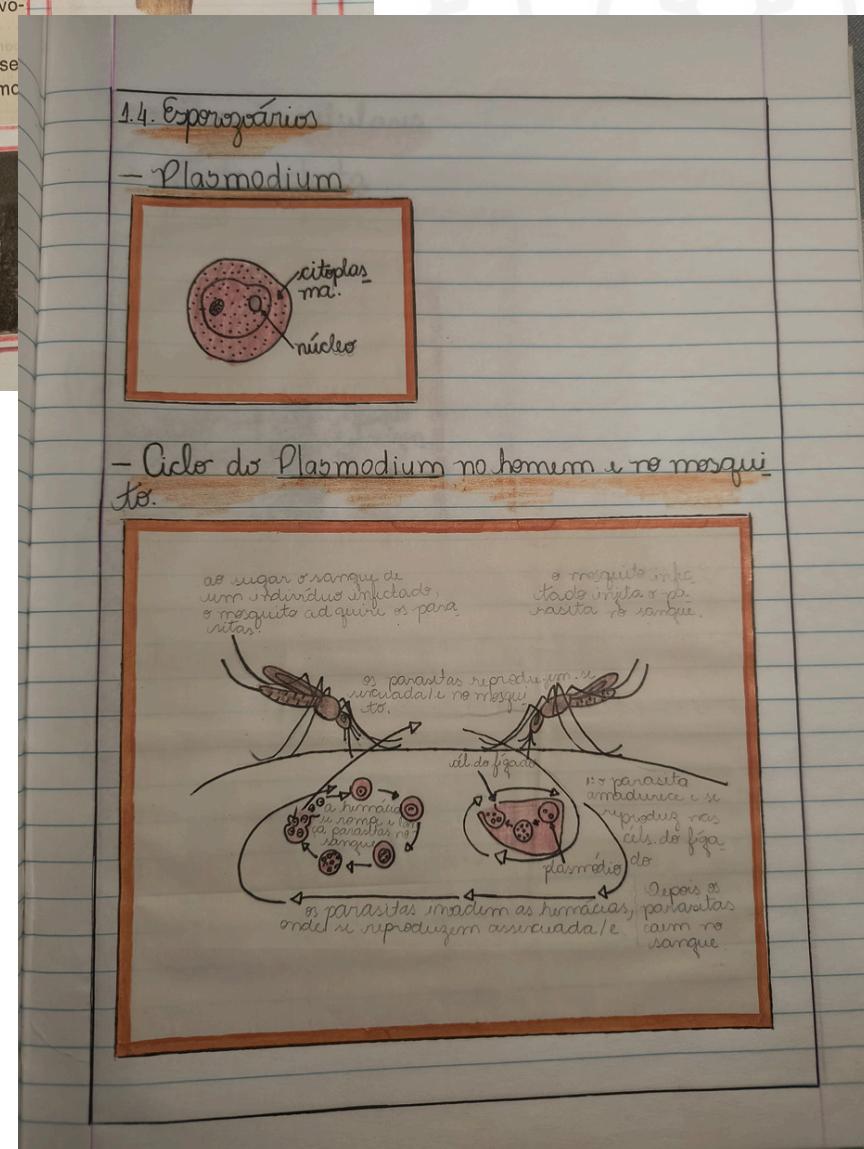
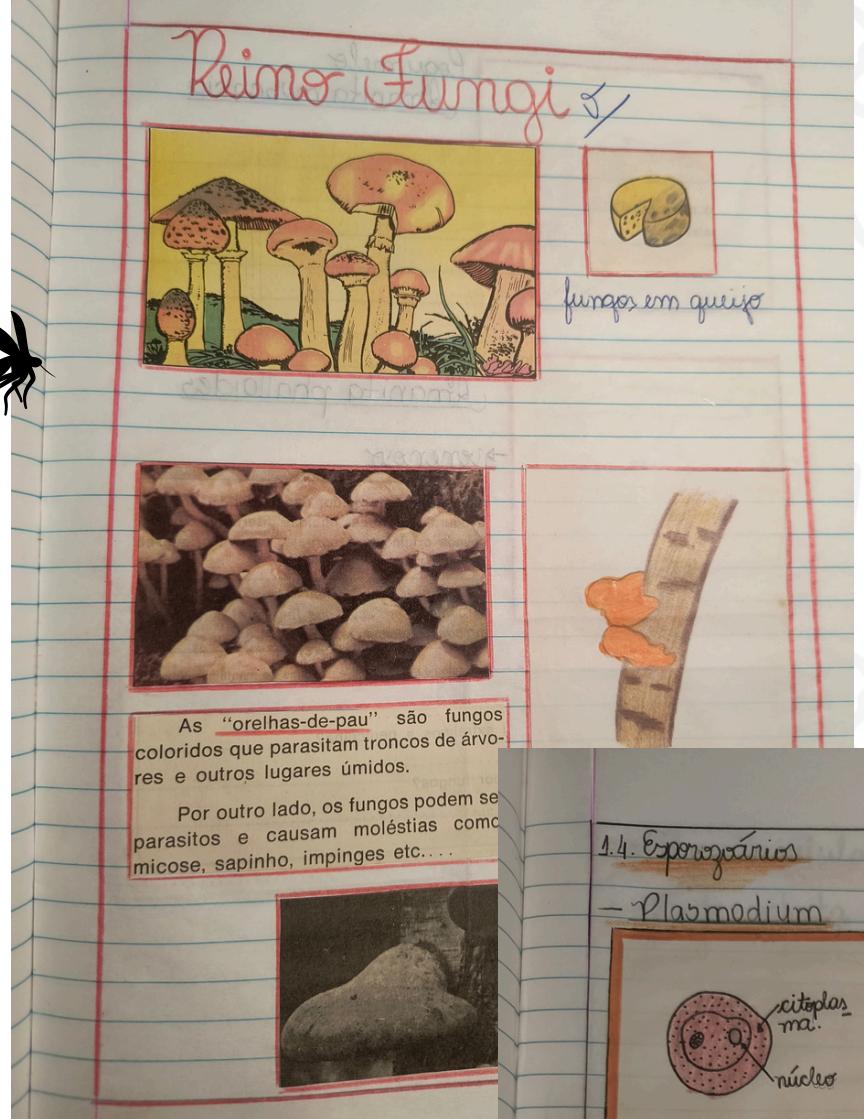
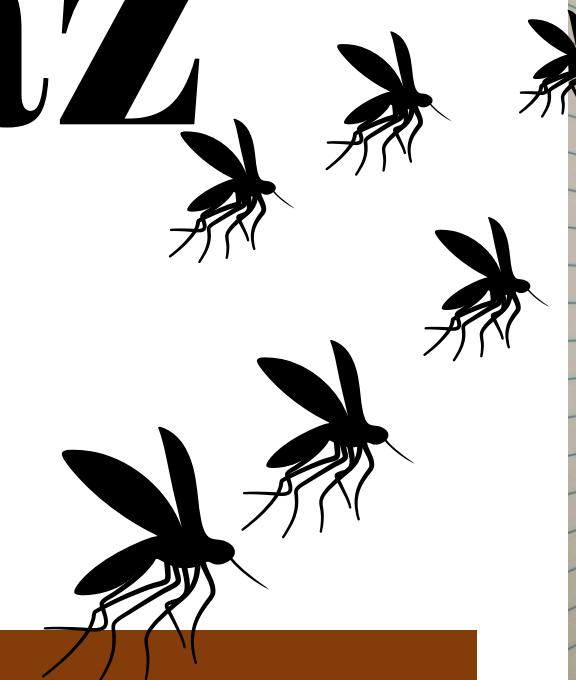
*Rita Lobato Velho Lopes: coragem à frente do seu tempo* | PÁG06

*Roedores, peste e Alzira Almeida* | PÁG08

# O que me faz cientista?

O meu querer.

*É incrível o que as mulheres podem fazer quando têm uma rede de apoio, quando são levadas a sério. Mais incrível ainda ver o que podem fazer quando precisam superar desafios sem alguém para dar suporte. Embora seja emocionante, é um caminho muito árduo e que não deveria ser enaltecido, mas questionado.*



**Quando eu era criança sempre me perguntavam o que eu queria ser quando crescesse. As respostas mudavam de acordo com a idade ou as influências (princesa, vampira, patinadora, promotora). Eu nem sabia o que significava isso: crescer, ter uma profissão! É claro que eu fantasiava e pensava nas coisas que eu ouvia, como ter dinheiro ou ter um chefe pra entregar um relatório, mas nada disso chegava perto do que faço hoje.**

As minhas inspirações femininas começaram em casa, com minha mãe, minhas tias, e a memória das minhas irmãs. Eu mexia nas coisas que um dia haviam sido delas, e um dia achei um álbum de Biologia. Eu já era grande o suficiente pra entender tudo que aquele álbum continha, por exemplo, sobre como funcionam algumas doenças ou como é a vida de um fungo. Vendo aquilo fiquei muito interessada pelas formas de vida que ainda não podia responder quando era perguntada. Quando uma adolescente fala que quer ser médica ou veterinária, todos ficam muito felizes e são capazes de compreender o que ela vai estudar. Mas eu queria mais que isso. Eu ainda não sabia o que era exatamente a Biologia, só as ciências em geral, mas fiquei absorta na ideia de que um leque de opções me fosse aberto.

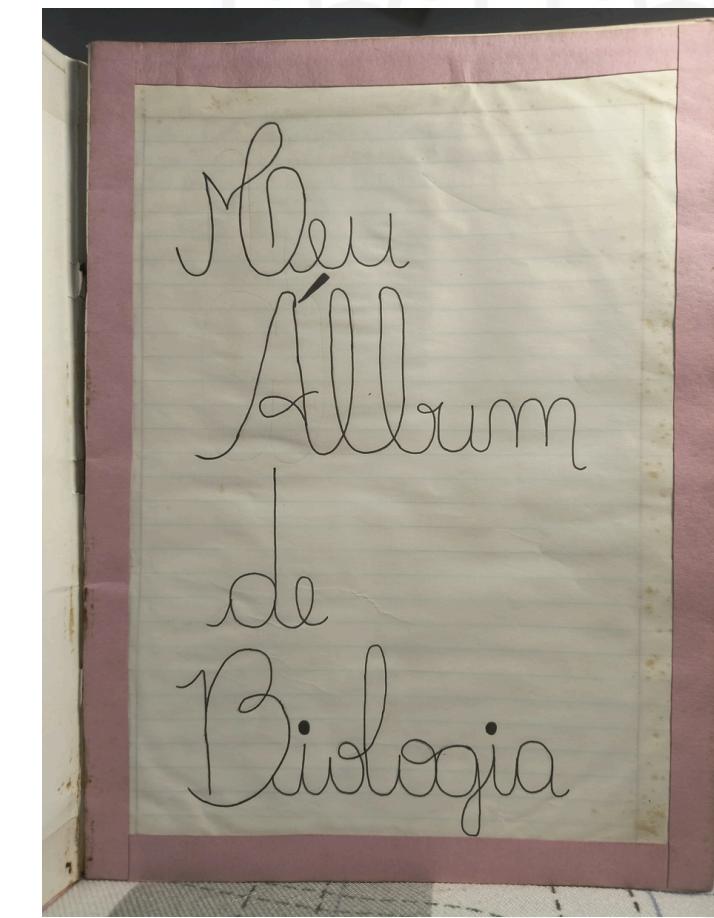
Quando finalmente descobri como a biologia funcionava e qual seu papel na sociedade, finalmente soube como responder à pergunta: O que eu quero ser quando crescer? Cientista! Mais especificamente, bióloga! Fez todo o sentido do mundo pra mim que eu tivesse tantas opções em meu caminho.

Eu não sei onde vou estar ou o que vou estar pesquisando daqui 10, 20 ou 30 anos, mas sei que vou estar procurando algo, porque eu sempre vou ser curiosa, e buscando oportunidades de explorar os meus interesses.

Por anos, as mulheres foram tratadas como objetos. Hoje nós somos doutoras, presidentes, excellentíssimas, senhoras, rainhas, ou o que quer que seja. Temos os títulos, mas ainda temos um longo caminho para termos a mesma valorização, respeito, equidade e justiça que os homens sempre tiveram. Com a conquista do que é nosso, nada será tirado deles, mas alguns ainda veem assim. Talvez, por isso, as coisas ainda andem a passos pequenos, mesmo no século XXI.

Mas, com tantas opções, será que preciso escolher uma área? Não! E essa é a beleza das ciências. A curiosidade de uma pessoa pode ser usada para explorar várias possibilidades. No meu caso, educação, microbiologia, mamíferos, divulgação científica e ciência cidadã. Não é raro que se encontre uma cientista contribuindo para diferentes áreas da ciência. Foi assim com Hedy Lamarr (inventora e atriz), Rachel Carson (bióloga marinha, conservacionista e escritora), Grace Hopper (almirante da marinha e cientista da computação) e Hipátia (astrônoma, matemática e filósofa), que enfrentaram os mais diversos desafios e marcaram seus nomes, em vários campos da ciência.

Além dos nomes citados, neste volume especial veremos outros nomes de mulheres que ainda estão na luta e que abrem caminho, todos os dias, para que meninas possam ocupar seus lugares de direito em todas as profissões. Espero que, ao ler suas histórias, vocês sintam orgulho e inspiração. Vamos lá?!



Fotografia: Arquivo pessoal



**Mirelly de Medeiros Correa**

Licenciada em Ciências Biológicas, Mestranda em Biodiversidade e Conservação, pelo IF Goiano, Campus Rio Verde. Adoradora de gatos, chocolates, livros e séries.

# Jane Goodall

Em meio às florestas da Tanzânia na década de 60, uma jovem inglesa fez descobertas extraordinárias. Uma das mulheres cientistas mais importantes do século 20 e uma das ativistas mais relevantes do século 21.



Foto de Hugo Van Lawick - National Geographic Brasil

**Jane Goodall (Londres, 3 de abril de 1934) é uma etóloga britânica (Etiologia é um ramo da ciência que estuda o comportamento social e individual dos animais em seu habitat natural) conhecida por sua pesquisa excepcionalmente detalhada e de longo prazo sobre os chimpanzés do Parque Nacional Gombe Stream, na Tanzânia.**

Desde sua infância, a britânica Jane Goodall tinha grande paixão pela vida animal e sonhava em trabalhar nas selvas africanas. Muito interessante... não acha?! Apesar disso, foi cursar secretariado, pois sua família não conseguia arcar com os custos de sua educação na universidade. Ela trabalhou como secretária e como assistente de produção de filmes até conseguir comprar uma passagem de navio para o Quênia. Ao chegar no continente africano, Jane solicitou uma reunião com Louis S.B. Leakey, um pesquisador com especial interesse em primatas e no estudo sobre a origem da espécie humana (Jane não desistiu do seu sonho de se tornar pesquisadora). Movido pela determinação e potencial da garota, Leakey a contrata como sua secretária e passa a buscar recursos para enviá-la à Tanzânia como uma cientista em potencial.

Durante seu tempo na selva, Goodall passou meses tentando se aproximar dos chimpanzés para ganhar a confiança deles e, ao mesmo tempo, anotava tudo o que via. Aos poucos, os animais foram confiando em sua presença, o que possibilitou que Jane documentasse verdadeiras descobertas. Ela deu nome aos indivíduos do grupo que estava estudando, detectou suas personalidades, e registrou como funcionavam seu raciocínio, emoções e vínculos de longo prazo.

Goodall não via os chimpanzés somente como objeto de estudo, mas seres com distintas personalidades e comportamentos. Foi criticada por cientistas da área por não ter designado números como forma de identificação de cada animal, mas achava tal conduta equivocada e insensível: Fifi, Flo, Sr. McGregor e David Greybeard foram alguns dos nomes escolhidos pela pesquisadora para os animais com quem convivia diariamente e que a permitiam acessar as particularidades da organização e cotidiano da espécie. Em 1960, ela testemunhou a capacidade de um chimpanzé – David Greybeard – de usar talos de grama para fazer ferramentas e pescar cupins de seus ninhos. A observação foi revolucionária para a época, pois até então se considerava que aquilo que distinguia os seres humanos diferenciando-os de outras espécies era sua capacidade de criar ferramentas. Jane também observou que esses animais podem ser compassivos e altruístas. Coube a ela retratar que os chimpanzés também caçam e comem carne (embora isso represente menos de 3% de sua dieta), participam de guerras e mantêm laços duradouros com os membros da família (todas as espécies têm fortes laços entre mãe e filho).

O primeiro artigo de Jane foi publicado em 1963 e apareceu na capa da National Geographic de dezembro de 1965. Com seu trabalho, Goodall se tornou uma das biólogas de campo mais importantes da Terra em poucos meses. Como resultado, Leakey a incentivou a participar do programa de Doutorado em Etiologia de Cambridge. Foi assim que a pesquisadora se tornou a oitava pessoa na história da universidade a entrar em um programa de Doutorado sem diploma, observa o ar-

tigo da National Geographic. Ela obteve seu Doutorado em etiologia em 1966. Em 1965, fundou o Gombe Stream Research Centre, um local de treinamento para estudantes interessados em estudar primatas, ecologia (ciência que estuda as relações dos seres vivos entre si ou com o meio orgânico ou inorgânico no qual vivem) e muito mais, conforme consta em sua biografia. Em 1977, ela também criou o Jane Goodall Institute, uma agência que promove a compreensão e a proteção dos grandes primatas e de seus habitats. Seu programa global, Roots & Shoots, tem apoiado dezenas de milhares de jovens em quase 100 países desde 1991 por meio de projetos que ajudam as pessoas, os animais e o meio ambiente, de acordo com a ONU (Organização das Nações Unidas). Além dos livros e da vasta carreira científica, Jane é reconhecida como um ícone global. Ela recebeu inúmeras honrarias, incluindo a Medalha da Tanzânia, a Medalha Hubbard da National Geographic Society, a Medalha do 60º Aniversário da Unesco e o Prêmio Gandhi/King de Não Violência. Em abril de 2002, foi nomeada Mensageira da Paz das Nações Unidas e, em 2004, foi investida como Dama do Império Britânico. Enfim, Jane Goodall conquistou seu lugar como MULHER na ciência, mesmo que no começo parecia um sonho distante. Eu, como uma jovem que ama ciência, convido você a ser ousada e persistente como Jane Goodall, enriquecendo e inovando a ciência!



**Thayane F. Mendonça**

Goiana, graduanda em licenciatura em Ciências Biológicas - IF Goiano. Uma mera católica na pesquisa científica.



# Rita Lobato Velho Lopes: coragem à frente do seu tempo

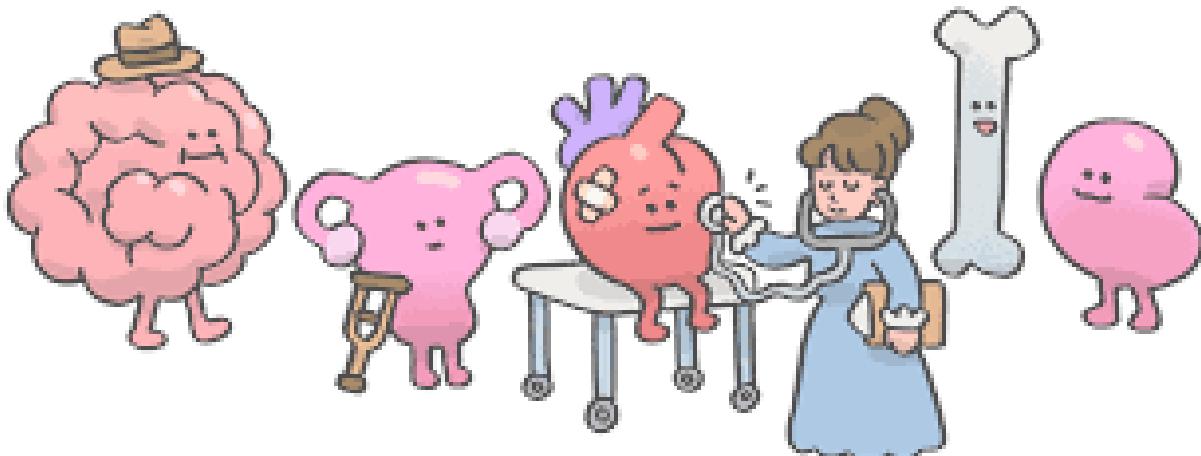


Ativista, médica e política do século XIX

Eu não sei quantas de nós, mulheres, vão chegar lá. Mas sei quem entre nós foi a primeira a se tornar médica no Brasil.

**Em meados dos anos 1800, o cenário sócio-político brasileiro era predominantemente masculino e a função social das mulheres era limitada aos cuidados dos lares. Elas não podiam participar de eleições e, em sua maioria, tinham seus destinos definidos apenas para casar e ter filhos. O que mudou desde então? Foi necessária uma mudança cultural e muito trabalho por parte de gerações de mulheres que ousaram desafiar os padrões e abrir portas. No caso da Medicina, uma destas desbravadoras foi Rita Lobato Velho Lopes.**

Ela foi não apenas a primeira mulher a fazer o juramento de Hipócrates no Brasil, mas foi além ao especializar-se na área obstétrica. Ao contrário da oposição em que foi recebida no curso de Medicina no Rio de Janeiro, Rita foi bem aceita na Faculdade de Salvador/BA. Lá, ela completou seus estudos, recebendo o seu título e tornando-se a primeira médica formada em terras brasileiras e a segunda formada em toda a América Latina.



Para mim, a história de Rita é uma inspiração tanto no âmbito acadêmico quanto na vida pessoal. A sua atuação profissional estendeu braços para a população em geral, sem discriminações, além de ter um olhar cuidadoso para a área obstétrica. Além de médica, ela também foi mãe de uma menina. Até aqui, eu posso dizer que temos três coisas em comum: a atenção com os mais humildes, o afeto pelas gestantes e o desafio de conciliar maternidade, estudos e vida profissional.

Se eu precisasse usar um único adjetivo que pudesse para defini-la, escolheria, sem hesitar, “**corajosa**”. Além de ser destemida e enfrentar os preconceitos para estudar, Rita também ingressou na vida política e ganhou mais um título importante para sua vida: foi a primeira vereadora de Rio Pardo/RS.



Foto: Reprodução

Gosto de pensar que a coragem de Rita ainda está presente nas mulheres em formação na área médica nos dias de hoje. Isso é especialmente verdade para aquelas que precisaram adiar esse sonho pelas vocações sociais, seja o matrimônio, seja a maternidade. Apesar do cenário sócio-político brasileiro de hoje ser diferente daquele de 1800, as limitações educacionais e financeiras sobre as mulheres, principalmente as mais carentes, ainda impedem que seus sonhos sejam materializados. Infelizmente, em muitos casos, parte de suas vidas são tomadas pelo julgamento de serem incapazes de realizar qualquer outra atividade senão as domésticas. Para muitas mulheres, estudar continua a ser um privilégio! Sendo mãe, é quase um luxo. Anseio para que outras mulheres conheçam a história de Rita Lobato e, assim como eu, possam dar continuidade a esse legado médico e social.



**BRUNA G. SATELES**

Goiana, 24 anos, mãe do Saulo e acadêmica de Medicina na Universidade de Rio Verde (UniRV).

# Roedores, peste e

# Alzira Almeida

*Pra onde a paixão pela pesquisa pode levar  
mulheres. E quais são as pedras no nosso caminho.*



Foto: Acervo Fiocruz Pernambuco / IAM

O ano é 2025. Muito se fala sobre a representatividade da mulher no meio acadêmico e o que podemos fazer para termos mais espaço. Quão antigos são esses problemas e o que é preciso para mudar isso? Hoje vamos contar a história de Alzira Almeida, uma pesquisadora, mãe, avó, amiga e referência.

Alzira é pernambucana, nascida em Palmares e a única mulher de seis irmãos. Aos 82 anos de idade recém-feitos, continua atuando na pesquisa ativamente.

Sua trajetória foi bastante peculiar. Na época, era esperado que a “moça de bem”, como ela fala, fosse ser professora. Em vez disso, foi se formar em Nutrição pela UFPE, concluindo em 1964. Sua escolha foi influenciada por uma conversa com sua tia-avó, pois o curso de nutrição estava sendo criado ainda. Sua pesquisa de iniciação científica foi testando dietas para os ratinhos de laboratório.

Depois de se formar, seu noivo ia para o interior do estado (Exu, PE), atuar na implementação de um projeto para pesquisar sobre a peste bubônica. Mas por que esse interesse todo na peste? O país era o 3º no mundo em casos de peste em humanos, e Pernambuco o estado mais afetado. Na década de 1960, com um novo surto de peste, o Brasil ainda não tinha uma equipe multidisciplinar para lidar com esse problema crônico, e Alzira era apenas uma recém-formada.

Felizmente por conta da sua pesquisa com dieta, ela também foi convidada a participar da equipe, permitindo que ela fosse não só acompanhar seu par, mas também ter sua gratificação profissional como pesquisadora! Em uma equipe de 25 pessoas, Alzira era a única mulher.

Por causa disso, algumas pessoas foram contra o seu recrutamento, pelo fato de ser mulher e não ter as qualificações que eles julgavam essenciais para enfrentar a peste no sertão pernambucano. Seria legal ver a cara deles hoje depois do destaque que ela ganhou nacionalmente e internacionalmente!

Enfim. Determinada como ela é, resolveu se dedicar e “mostrar que era capaz” e rapidamente a equipe mudou o seu discurso. Alzira também conseguiu algo quase impossível: ser mãe (de gêmeos) no meio do furacão que é a vida acadêmica.

Seu desempenho foi tão impressionante que, em 1975, foi fazer um estágio na França, onde acabou por fazer o Doutorado (1989), obtendo o título de Microbiologista em 1993, mas não sem antes passar um treinamento nos CDC – Centers for Disease Control and Prevention dos Estados Unidos. Que mulher viajada!

Depois de tudo isso, ela voltou ao Brasil e implementou todo o seu conhecimento: o Brasil agora era autossuficiente no diagnóstico de peste bubônica.

A partir daí, sua carreira deslanchou ainda mais: criou uma coleção de cepas de peste, publicou mais de 100 artigos, orientou mais de 50 alunos e recebeu quase tantos prêmios quanto a atriz Fernanda Torres. Mas Alzira é incansável: se aposentou em 2012, mas continua até hoje atuando na pesquisa (e tem até bolsa de produtividade do CNPq). Hoje ela entende não só sobre a manifestação da doença, mas também sobre a ecologia dos ratinhos que carregam as pulgas que carregam a doença.

“Só tenho vantagens a falar. As dificuldades, eu esqueci”, fala rindo.

É possível ver várias situações extremamente atuais, como o descrédito por ser mulher e a expectativa que a sociedade tem.

Mas também vemos peças-chaves: pessoas que nos incentivem e nos guiem, e uma determinação inabalável.

A história dela mostra que realmente podemos ser o que a gente quiser.



### GISELA SOBRAL

Pesquisadora sobre os roedores da peste e que conheceu Alzira em um dos campos que fez para Exu, PE. Bióloga pela UFRJ, doutora pela USP e professora da Universidade Federal de Rondonópolis.